

# MÚSICA, MUNDO E NATUREZA

Alexsander VANZELA<sup>1</sup>

Ana Paula de Figueiredo Conte VANZELA<sup>2</sup>

Leida Calegário de OLIVEIRA<sup>3</sup>

Marivaldo Aparecido de CARVALHO<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Licenciado em Música com habilitação em Guitarra pela UNINCOR em Três Corações/MG (2011), pós-graduado em Educação Musical pela Universidade Cândido Mendes UCAM – Prominas (2012), atualmente é professor de guitarra elétrica no Conservatório Estadual de Música “Lobo de Mesquita” em Diamantina-MG e é aluno programa de Pós Graduação em Saúde, Sociedade e Ambiente, na linha de pesquisa: Educação, Cultura e Saúde da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). [www.alexvanzela.com](http://www.alexvanzela.com) email: [alexvanzela@gmail.com](mailto:alexvanzela@gmail.com)

<sup>2</sup>Bacharel em Farmácia-Bioquímica pela Universidade de São Paulo (1994), possui mestrado (1999) e doutorado (2003) em Ciências Farmacêuticas pela Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto/USP com período de estágio no FungalGeneticsLaboratory, (Oklahoma StateUniversity). Atualmente é professora Associada I, Diretora de Extensão da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e orienta nos Programas de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas – UFVJM e Pós-Graduação em Biocombustíveis, do Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas, Chefe de Departamento de Farmácia e coordenadora do curso de Farmácia.

<sup>3</sup>Bacharelado em Ciências Biológicas - Bioquímica e Imunologia - pela Universidade Federal de Minas Gerais (1998), Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Minas Gerais (1999), Mestrado em Ciências Biológicas (Fisiologia e Farmacologia) pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002) e Doutorado em Ciências Biológicas (Fisiologia e Farmacologia) pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004). Atualmente é Pró-reitora de Assuntos Comunitários e Estudantis e Professor Associado II da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Tem experiência na área de Fisiologia, Educação Permanente e Imunologia.

<sup>4</sup>Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1996), mestrado em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001) e doutorado em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2006). Atualmente é professor associado da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Etnologia Indígena e estudos de população rural; atuando principalmente nos seguintes temas: natureza; cultura, identidade, resistência, educação, natureza/cultura e teoria-antropológica. É professor no programa de pós graduação Stricto sensu, mestrado profissional em Saúde, Sociedade e Ambiente na FCBS/UFVJM e desenvolve estudos e extensão universitária com populações tradicionais e rurais. Coordenador do grupo de pesquisa GEPIMG, desenvolvendo pesquisas junto aos povos indígenas de Minas Gerais e especificadamente com os Maxakali, Pataxó e Pankararu.

**Recebido em: 25/08/2016 - Aprovado em: 05/11/2017 - Disponibilizado em: 30/12/2017**

## RESUMO

Sons, a música, o mundo e a natureza, esses os aspectos em nosso cotidiano que muitas vezes passam despercebidos, outras vezes nos trazendo conforto ou nos levando a sentimentos ocasionados pelo tempo, tendo como o espelho da vida, um olhar diferenciado, entendendo que a música pode proporcionar, se é do mundo ou se é da natureza. Enfim, a música é do “mundo” (enquanto cultura) ou é da natureza?

**Palavras-chave:** Sons, Mundo, Natureza, Linguagem Musical e Música

## ABSTRACT

Sounds, music, world and nature, these aspects in our daily life that often go unnoticed, sometimes bringing us comfort or taking us to the feelings caused by time, and as the mirror of life, a different look, understanding that music can provide, if the world or whether it is nature. Anyway, music is in the world or is it nature?

**Keywords:** Sounds, World, Nature, Musical Language and Music

## **Introdução**

Os sons fazem parte de nosso cotidiano, tanto como elementos naturais quanto como manifestações produzidas pelo homem. O canto dos pássaros, os barulhos do vento e da chuva, dos rios, dos trovões e de outros fenômenos naturais, que por vezes soam como música aos nossos ouvidos e outras vezes nos infundem temor, certamente estiveram presentes no cotidiano de nossos ancestrais. Como o homem primevoreagia ao seu impacto, qual a interpretação que dava a estes sons é difícil precisar. Entretanto, não é descabido pensar que a música possa ter surgido através da tentativa de reprodução de sons conhecidos, especialmente dos que soavam mais agradáveis, para esses humanos primevos, ou dos que, devido ao seu impacto, induziam a sensação do sobrenatural.

### **A Música é “mundo” (enquanto cultura) ou natureza?**

É fácil perceber a presença da música nas diversas sociedades e civilizações ao longo da História, o que nos remete à sua importância e ao seu papel cultural. Por outro lado, a tarefa de descrever, ou especular, o como e o quando a música surgiu não é maior do que aquela que pretende dar o seu significado, seu conceito. Ambas requerem um amplo esforço e têm sido alvo de extensa análise e discussão, inclusive sobre a possibilidade de conceituá-la; se, de fato, é possível chegar a uma conclusão válida e

geral sobre o que é música. Apesar da dificuldade da tarefa e dos apontamentos que consideram tal empenho uma armadilha (IAZZETTA, 2001), não poucos se arriscam a propor uma concepção dentro do contexto pelo qual fazem sua análise. Mesmo quem reconhece a dificuldade e os riscos da definição, compreende sua premência:

Embora estejamos o tempo todo imersos num mundo povoado por músicas de todas as espécies, a nossa relação com a música é algo extremamente difícil de ser formalizado e cuja compreensão se dá na esfera do sensível e do intuitivo. Desvendar de modo formal a natureza da música se constitui, portanto, como um desafio e uma necessidade dada a presença marcante que ela ocupa em todos os âmbitos da vida moderna. (IAZZETTA, 2001, p.1).

Uma das primeiras questões relevantes para uma concepção válida é: a música é “mundo” (enquanto cultura) ou natureza? Para a resposta, é preciso pensar o “mundo” como espaço modificado pelo homem a partir do natural. O homem e a terra são elementos inseparáveis:

A essência humana da natureza não existe senão para o homem social, pois apenas assim existe para ele como vínculo com o homem, como modo de existência sua para o outro e modo de existência do outro para ele, como elemento vital da efetividade humana; só assim existe como fundamento de seu próprio modo de existência humano. Só então se converte para ele seu modo de existência natural em seu modo de existência humano, e a natureza torna-se para ele o homem. A sociedade é, pois, a plena unidade essencial do homem com a natureza, a verdadeira ressurreição da natureza, o naturalismo acabado do homem e o humanismo acabado da natureza (MARX, 1978, p.9).

A partir dessas colocações de Marx, constatamos que a relação do homem com a natureza se processa historicamente, e

se modifica da mesma forma. O mesmo ocorre com a música enquanto criação humana, a música tem a sua materialidade (natureza): instrumentos, os sons ditos naturais, quem toca e a estrutura física do próprio som, elemento constituidor da música. Mas a música possui também sua representação social (cultura), transmite emoções. Por isso acompanha a vida humana no seu cotidiano.

Assim a resposta parece clara, à medida que entendemos música como criação humana, mas admite uma reflexão a partir das várias versões possíveis para o seu conceito. A reflexão que segue é uma tentativa de contribuir para clarear, mas não esgotar, esta questão conceitual, fundamental aos estudiosos, amantes e praticantes da música.

Antes de tratar da música em si, é preciso tratar de seu elemento formador principal: o som. Como supracitado, o som é um elemento presente no cotidiano humano, sendo possível diferenciar ruídos de sons agradáveis, embora estes últimos possam também advir de fenômenos naturais como o canto dos pássaros. PICCHI (2008) oferece uma análise do som natural que nossos ancestrais puderam ouvir:

O som. A criação se fez sob sua égide e ao redor dele o ser humano apareceu. As terríveis manifestações do clima, as chuvas torrenciais ou mansas, as torrentes de rios caudalosos, o estrugir das ondas do mar, os relâmpagos e trovões, o soprar dos ventos alísios ou furacões ensurdecadores: tudo era indistinta massa de sons complexos e irregulares. Ruído, enfim: este o som existente na natureza em geral para o Homem pré-histórico, incluindo as vozes dos animais. (PICCHI, 2008, p.44-45).

Para PICCHI (2008) o som musical não existe na natureza, sendo uma criação humana que expressa um sentido, saindo da materialidade sonora pela apropriação cognitiva que os indivíduos lhe fazem. Em nossas palavras, o som musical é intencional e pode ser percebido desta forma, apropriado pelo ouvinte.

Wisnik afirma que “som e ruído não se opõem absolutamente na natureza” e que “a música extrai som do ruído num sacrifício cruento, para poder articular o barulho e o silêncio no mundo” (WISNIK, 1989, p:30, 35). Nessas afirmações, fica implícito que a diferença entre ruído e som que o autor apresenta está pautada na qualidade estética que lhe atribuímos. Para ele, o que se escuta no mundo de hoje é um som musical repetitivo, industrial, produzido para o mercado, que ouvimos repetitiva e constantemente, independente do lugar em que estamos. No contexto dessa análise, a música industrial apontada é identificada quase que como um ruído.

Afirmamos que o ruído é som também, na sua materialidade, pois que formado de ondas sonoras geradas pela vibração dos corpos e que são captadas através da audição. E o ruído também enseja um significado perceptível, pois sabemos diferenciar o barulho da chuva de outros ruídos naturais, como o crepitar do fogo. Então qual é a diferença entre ruído e som

musical? Os animais os produzem durante o período de acasalamento, defesa de território, alertas de perigo e outras funções comunicativas e biológicas. A qualidade harmônica não pode tampouco ser usada isoladamente para distinguir ruído e som musical, uma vez que o canto de muitos pássaros soa agradável, sem, entretanto, possuir os elementos que estruturam a intencionalidade daquilo que chamamos música. Por outro lado, estilos musicais foram desenvolvidos como forma de contestação a padrões estéticos determinados, sendo por vezes classificados como ruídos ou barulho. Mas o que qualifica a música como tal? O que diferencia a música, enquanto produção humana, dos sons naturais harmônicos produzidos pelos animais? McDermott; Hauser (2005) admitem que existem paralelos estruturais entre a música humana e os sons emitidos por algumas espécies de animais, como pássaros e baleias que parecem possuir um sistema regrado, no qual são unidas notas em frases e frases em temas maiores. Posto que sons e ruídos, agradáveis ou insuportáveis, podem ser produzidos pela natureza ou pela ação do homem, com certa estruturação, é preciso definir a música para além de certos fenômenos naturais que, a princípio, poderiam ser entendidos como tal, por exemplo, o “canto” dos pássaros:

Embora os sons dos animais possam, em algum sentido, alterar as emoções dos que os ouvem, nenhum

animal canta por divertimento, ao menos até onde sabemos.<sup>1</sup> (MCDERMOTT; HAUSER, 2005, p. 39).

Acreditamos que, além da produção de sons intencionalmente combinados, submetida ou contraposta a um padrão estético variável conforme as culturas, o sentido que o autor da obra musical nela imprime, segundo sua subjetividade, e que pode ser percebido, apropriado e interpretado de maneiras diversas por diferentes ouvintes, caracteriza a natureza da música enquanto produção humana. Ou seja, a música tem um caráter antropológico. A música possui produção intencional e sentido. Nietzsche considera que a música tem sua origem sob as dimensões rítmica, dinâmica e harmônica, o som é o símbolo da vontade (CORBIER, 2014).

Além da intencionalidade e do sentido, a música, nas palavras de Ribas, tem um caráter formal: “A música é essencialmente uma expansão emocional, mas que se desencadeia dentro de normas técnicas aprendidas obrigatoriamente por todos quantos se proponham a adquirir educação musical” (RIBAS, 1957, p. 97). Tal definição acresce a técnica à concepção de música. Existem princípios técnicos que fundamentam a composição e a execução musical e que podem ser percebidos por um ouvinte musicalmente capaz.

Ressalta-se também se depreende o caráter emocional, afetivo, presente em muitas conceituações de música como “a arte

---

<sup>1</sup> Tradução do autor.

de expressar os sentimentos através do som”. Nesse sentido, a música, além de técnica, é também comunicação, entendendo-se que supera os limites verbais. O meio pelo qual a música expressa uma mensagem não é meramente verbal; seu mecanismo primordial de comunicação é emocional. Mais uma vez se estabelece a questão do sentido, quando o som vai além de fenômeno puramente físico para, inserido em uma concepção cultural, transformar-se em “música propriamente dita, isto é, o som ‘culturalmente organizado’ pelo homem” (BLACKING, 1973*apud* PINTO, 2001, p. 224). Em sua ampla concepção, a música:

Raras vezes apenas é uma organização sonora no decorrer de limitado espaço de tempo. É som e movimento num sentido lato... e está quase sempre em estreita conexão com outras formas de cultura expressiva... Aqui música não é entendida apenas a partir de seus elementos estéticos mas, em primeiro lugar, como uma forma de comunicação que possui, semelhante a qualquer tipo de linguagem, seus próprios códigos. (PINTO, 2001, p. 222-223).

O ser humano é uma espécie musical além de linguística, a música enquanto processo de comunicação social, mediadora das relações humanas caracteriza a nossa espécie. Essa inclinação para a música pode ser apreendida a partir da sociabilidade humana como uma consequência do viver humano em sociedade, porém essa musicofilia (amizade pela música) que nos caracteriza chega a ser pensada por alguns autores como um traço genético, apesar de não postularmos os traços genéticos como condutores determinantes/estruturantes das

tendências humanas pensamos ser importante reproduzirmos aqui as palavras de Sacks, (2007):

Essa inclinação para a música – essa “musicofilia” – revela-se na primeira infância, é manifesta e essencial em todas as culturas e provavelmente remonta aos primórdios de nossa espécie. Ela pode ser desenvolvida ou moldada pela cultura em que vivemos, pelas circunstâncias da vida e pelos talentos ou deficiências espaciais que temos como indivíduos. Mas é tão arraigada na natureza humana que somos tentados a considerá-la inata [...] (talvez a musicofilia seja uma forma de biofilia, pois a própria música quase dá a impressão de que é um ser vivo. (SACKS, 2007, p. 10)

A música também apresenta uma linguagem técnica, em suas bases estruturais, que não se separa dos efeitos emocionais que provoca. Os códigos basilares da linguagem musical são construções humanas; diversos aspectos formais desta linguagem foram desenvolvidos: ritmo, andamento, melodia, harmonia, textura, timbre, forma. Ainda que formalmente presentes na linguagem técnica musical, esses elementos estruturantes se entrelaçam com a mensagem emocional e seus efeitos podem ser percebidos por ouvintes não treinados, mesmo que não sejam capazes de classificá-los conceitualmente. O ritmo e o andamento – ou dinâmica – e o tom, por exemplo, podem ser associados ou evocar estados de humor (MCDERMOTT; HAUSER, 2005). No pensamento de Aristóteles:

Há diferenças na natureza das próprias melodias, de tal forma que as pessoas, ouvindo-as, são afetadas de maneiras diferentes e não têm os mesmos sentimentos em relação a cada uma delas; com efeito, as pessoas ouvem algumas delas num estado de espírito preponderantemente melancólico e grave (por exemplo,

o modo musical chamado mixolídio), outras num estado de espírito mais relaxado, intermediário, com moderação e calma, que somente o modo dório parece produzir, enquanto o modo frígio provoca o entusiasmo;”. “O mesmo ocorre em relação aos ritmos, pois alguns têm uma natureza mais repousante e outros mais emocionante, e destes últimos alguns são mais vulgares em seus efeitos emocionais e outros são mais elevados. (KURY, 1985, p. 1340b)

Os aspectos da linguagem musical também são perceptíveis na natureza, tanto na forma de som, quanto de movimento, embora intencionalmente modificados e usados em estruturas musicais. O ritmo, a altura do som e o tom são exemplos. Pitágoras, que identificou a relação matemática dos intervalos entre as notas na escala musical, fez a associação destes em função das relações naturais e proporcionais presente no cosmos e “na alma dos homens bons.” (AZEVEDO, 2006, p. 2).

Tendo percorrido diversos enfoques para a concepção de música, voltamos para a definição estrutural que nos é apresentada por Muzkat, Correia e Campos (2000):

Consideramos como música, independentemente de toda conotação estético-cultural que esta envolve, todo o processo relacionado à organização e à estruturação de unidades sonoras, seja em seus aspectos temporais (ritmo), seja na sucessão de alturas (melodia) ou na organização vertical harmônica e tímbrica dos sons. (MUZKAT; CORREIA; CAMPOS; 2000, p. 70).

Percebemos que a definição de música varia segundo sua contextualização cultural e histórica, segundo o objetivo dos diversos autores. Mas, em todas as abordagens aqui discutidas, um ponto em comum pode ser verificado. A música, seja

em suas bases estruturais elaboradas, seja nos códigos que sustentam a técnica, o registro e a reprodução musical, seja como expressão de sentimentos ou meio de diversão, é uma construção humana e permeada de sentido.

A inexprimível profundidade da música tão difícil de entender e no entanto tão inexplicável, deve-se ao fato de que ela reproduz todas as emoções do mais íntimo do nosso ser, mas sem a realidade distante da dor. [...] A música expressa apenas a quintessência da vida e dos eventos, nunca a vida e os eventos em si. (SCHOPENHAUER 1969, apud, SACKS, 2007, p. 11)

## Conclusão

A música é “mundo” e natureza, da mesma forma que a capacidade de ouvir é biológica e cultural, ou seja, para ouvir precisamos do nosso aparato biológico do nosso corpo, mas a tradução sentimental do que ouvimos é cultura é o “mundo” que vivemos, ao modificarmos historicamente a natureza. Podemos pensar que a música enquanto comunicação do sentimento humano, seja essencialmente uma criação do ser humano, mas a corporificação necessária para a emissão do som, da música em seu encadeamento harmônico envolve o instrumento, a materialidade vinda da natureza e transformada pelo homem em seu processo histórico e cultural: o som é matéria e sentido. A música, é antes de tudo uma manifestação cultural e portanto singular para cada povo, e ao mesmo tempo universal, por tratar de uma manifestação humana que busca comunicar e transmitir sentimentos, como prazer e dor. É, também, uma construção intencional e técnica de sons combinados,

formada por elementos estruturantes que podem ser identificados e registrados, que no seu conjunto manifesta sentido e evoca sentimentos perceptíveis segundo a subjetividade do autor e do ouvinte.

### Referências Bibliográficas

AZEVEDO, M.: **Sobre a Origem e a Natureza da Música...**a Propósito da Musicoterapia at Biosofia. Biosofia.

Disponível em

<<http://biosofia.net/2006/06/22/sobre-a-origem-e-a-natureza-da-musica-%E2%80%A6-a-proposito-da-musicoterapia/>> Acesso em 16/04/2016

CORBIER, C.: **Harmonia e música dionisíaca: do Drama musical grego ao nascimento da tragédia.** Cad. Nietzsche, São Paulo, n. 34 - vol. I, p. 61-98, 2014.

IAZZETTA, F.: **O que é Música (hoje).** I Fórum Catarinense de Musicoterapia, Florianópolis, 31/08 e 01/09 de 2001.

KURY, M.G.: **Política Aristóteles.** Editora Universidade de Brasília. ISBN 85-230-0011-9. Brasília, DF, 1985.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos - filosóficos e outros textos escolhidos.** Seleção de textos de José Arthur Gianotti, traduções de José Carlos Bruni. S.P: Abril Cultural, Col. "Os Pensadores", 1978.

McDERMOTT, J. e HAUSER, M.: **The originis of Music: Innateness, Uniqueness, and Evolution.** Music Perception, volume 23, Issue I, pp. 29-59, ISSN 0730-7829. University of California, 2005.

MUZKAT, M., CORREIA, C.M.F., CAMPOS, S.M.: **Música e Neurociências.** Ver. Neurociências 8(2): p. 70-75, 2000.

PICCHI, A.G.: **A Música e os início do homem.** Mimesis, Bauru, v.29, n.2, p. 43-48, 2008.

PINTO, T.O.: **Som e música, Questões de uma Antropologia Sonora.** Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v. 44, n.1, 2001.

RIBAS, J.C.: **Música e Medicina.** Gráfica e Editora EDIGRAF Ltda. SP-SP - 1957 - 2ª edição.

SACKS, Oliver. **Alucinações musicais,** Companhia das Letras. SP. 2007

WISNIK, J.M: **O Som e o Sentido – Uma outra história das músicas.** Editora Schwarcz Ltda – ISBN 85-7164-042-4. Companhia das letras, 1989